

A CIDADE DE SÃO PAULO CHEGA A SÃO MATEUS: O PROCESSO HISTÓRICO DO RURAL, DO SUBURBANO E DA PERIFERIA (1948-1970)

ADRIANO JOSE DE SOUSA

MESTRANDO HISTÓRIA SOCIAL (FFLCH/USP)

E-mail: jsadrianosousa@gmail.com

Introdução

Não é possível falar da história de São Mateus¹ sem tratar, em linhas gerais, do processo de formação dos subúrbios de São Paulo desde o século XVIII e sem abordar o processo de intensificação do povoamento da zona leste da cidade, a partir do século XX. Entre o final do século XIX e início do século XX, a vila de São Paulo experimenta forte processo de urbanização, por se tornar centro das transações financeiras, comerciais e logísticas do café produzido no interior de São Paulo e exportado a partir do Porto de Santos. Nesse processo, a vila expande-se para além do triângulo central (representado pelos limites da Rua Direita, Lgo de São Bento e Rua da Imperatriz), integrando-se a áreas adjacentes como Mooca, Ipiranga, Vila Prudente, Penha e interagindo com outras como São Caetano, Santo André, Mauá, etc. que constituíam os subúrbios da vila, em processo de urbanização. Por ali se instalaram indústrias, chácaras e pequenos povoados. Esse processo foi abordado por importantes estudiosos (AZEVEDO, 1945; LANGENBUCH, 1978; MARTINS, 1992). Segundo Azevedo, os subúrbios caracterizavam-se por serem mais que meros “arrabaldes da cidade”:

¹ São Mateus corresponde hoje ao território de uma das subprefeituras da zona leste de São Paulo. Neste sentido, temos que a região possui uma população total de 426.794 habitantes, subdividida nos distritos do Iguatemi (127.662 habitantes), São Rafael (143.992 habitantes) e São Mateus (155.140 habitantes) cada qual dividida em inúmeros bairros. (DADOS DEMOGRAFICOS DOS DISTRITOS E SUBPREFEITURAS. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso em 04.07.2019). Geograficamente, de acordo com o Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo, São Mateus possui dois rios – Aricanduva e Rio das Pedras – e 40 ribeirões, fazendo divisa, ao sul com as cidades de Santo André e Mauá. Segundo a mesma publicação foram aí morar, a partir da década de 1950, imigrantes do nordeste, Minas Gerais e Paraná (PROGRAMA PATRIMÔNIO E REFERÊNCIAS CULTURAIS NAS SUBPREFEITURAS: SÃO MATEUS, 2013, p. 21-22)

O conceito vulgar de subúrbio corresponde ao “arrabalde ou vizinhança de uma cidade ou de qualquer povoação” o que, em princípio satisfaz e aproxima-se do conceito geográfico. Entretanto, não basta essa proximidade do centro urbano: torna-se necessário que haja uma certa interdependência entre a cidade e os seus subúrbios, uma relação ativa e passiva entre uma e outros. De fato, cumpre verificar a existência de um permanente contacto da população que neles vive, através de suas atividades costumeiras, do que produz e do que consome. (AZEVEDO, 1945, p. 30)

Para o geógrafo Langenbuch, os subúrbios correspondiam

às formas de implantação urbana incipiente, entrecortadas de trechos ainda rurais, que surgem nas bordas das cidades. [...] De acordo com a própria etimologia da palavra, subúrbio refere-se à parte da cidade localizada em contato com o campo em que a implantação urbana ainda é incipiente, ou seja, não integra a urbe de modo cabal. (LANGENBUCH, 2001, p. 86-87)

Segundo Martins, o subúrbio também seria uma área interligada ao espaço urbano, com características rurais, mas também industriais, sendo ocupado desde o século XVIII por uma indústria em rápida expansão, que permitia a essas áreas serem fornecedoras não só de alimentos como de materiais de construção para a cidade (1992, p. 08)

Ambos os autores forjam seus conceitos a partir das realidades que estudam: Martins empenhado em descrever como se viam os trabalhadores agrícolas e industriais de São Caetano do Sul e Azevedo, preocupado em documentar o avanço da cidade sobre os territórios orientais de São Paulo, principalmente nos arredores das ferrovias, problemática também cara a Langenbuch.

O território onde está São Mateus possuía, na década de 1940, possui algumas das características desses subúrbios, como a produção rural, presença de olarias e relação de suas atividades com a cidade de São Paulo, como veremos a seguir. Entretanto, as interações dessa localidade com os “povoados orientais” e a cidade, começam a ganhar contornos urbanos a partir das décadas de 1940 e 1950, durante o processo nomeado por Teresa Pires do Rio Caldeira como “padrão periférico de crescimento” que ocorreu, segundo a antropóloga, principalmente entre as décadas de 1940 e 1980, período de intensa industrialização e urbanização em São Paulo, com grande migração, principalmente de nordestinos, para trabalhar nesse processo. (2000). É esse processo

que será problematizado pelo pesquisador a partir das seguintes fontes relativas a São Mateus: plantas da cidade presentes no Histórico Demográfico da Prefeitura de São Paulo; Anais da Câmara Municipal de São Paulo; relatos memorialísticos extraídos dos jornais *Cidade de São Mateus* e *Gazeta de São Mateus* e entrevistas realizadas pelo pesquisador com os sujeitos históricos do bairro.

A “Épopeia dos Beis” x Fazenda do Oratório

Os ideais nacionalistas elaborados no século XIX, a partir da formação das nações europeias influenciaram a escrita da história do Brasil e de diversos países do mundo repercutindo, também, nas narrativas de fundação das cidades. Dentro de grandes cidades, como é o caso de São Paulo, esse fenômeno acabou se desdobrando em verdadeiras *épopeias* de fundação de bairros, distritos, regiões suburbanas e periféricas, narrativas constituídas a partir dos territórios e de “ações pioneiras” neles. Segundo José de Souza Martins, no seu clássico estudo *Subúrbio*, sobre a história de São Caetano do Sul, as narrativas de fundação dotariam a vida cotidiana dos subúrbios de significado histórico semelhante ao das narrativas nacionais, enumerando os “pioneirismos” do homem comum que “funda” as localidades e suas primeiras instituições, estabelecimentos comerciais, etc. em uma relação de poder que apaga a maioria dos moradores desse processo histórico. (1992, p. 14).

Algumas narrativas com esse caráter foram construídas tendo como mote a “fundação de São Mateus.” No caso do texto *Histórico: Conheça a História da Subprefeitura de São Mateus*, hospedado no site da subprefeitura da região, percebemos algumas ênfases e lacunas que vale a pena destacar. Ao se referir à configuração do espaço pelos sujeitos locais – nosso foco – o texto trata de um período entre meados do século XIX e a metade do século XX, marcado pela presença de algumas fazendas: primeiramente a de João Francisco da Rocha, ainda no século XIX, que teria sido vendida a Antônio Cardoso de Siqueira e, por último, a Fazenda Rio das Pedras. Embora não saibamos exatamente quais as suas delimitações territoriais, todas servem, na narrativa, de catapulta para o “clímax histórico” da abertura do loteamento dos Beis, sobre o território da Fazenda São Mateus, em 1948:

Em 1.946, uma gleba de 50 alqueires de terras foi vendida à Família Bei (Mateo e Salvador Bei), dando origem a fazenda São Mateus. Dois anos depois da aquisição das terras, em 1948, Mateo Bei, o patriarca da família, decide lotear a área e vende os primeiros lotes com total sucesso, surgindo dessa iniciativa o bairro de São Mateus. (HISTÓRICO DA SUBPREFEITURA DE SÃO MATEUS)

Por outro lado, fontes orais, cartoriais e jornalísticas, levantadas pelo grupo de pesquisadores envolvidos na produção do livro *Novos Bairros: Jardim São Francisco (2012)* indicam outra “filiação histórica” para São Mateus, ligada ao plantio de juta, na Fazenda da Juta, gleba da Fazenda do Oratório adquirida por Nestor de Barros para produzir a matéria-prima da fibra produzida por sua indústria têxtil:

O território onde se localiza hoje a Subprefeitura São Mateus e, conseqüentemente, o Jardim São Francisco, fazia parte da antiga Fazenda Oratório, que recebeu esse nome em virtude de um pequeno oratório dedicado à Virgem Maria, a São Joaquim e a Sant’Ana, que se localizava nas proximidades do atual bairro de São Mateus. A fazenda era propriedade de João Cardoso Siqueira e Mafalda Franco, sua esposa, e estendia-se do local onde se encontra atualmente, a Vila Prudente, até os municípios de Santo André e Mauá (antigo município de Pilar). No final dos anos de 1920, um dos herdeiros do casal, Antônio Cardoso Leite Franco, vendeu parte da propriedade a Nestor de Barros, um importante produtor de algodão do Estado de São Paulo, que também possuía uma tecelagem de juta. (FRANÇA, 2012, p.14).

Com o abandono da produção de Juta em 1938 e sua substituição pelo plantio de batatas (IDEM, 2012: 17) e, na década de 1940, com os novos rumos da urbanização de São Paulo, a Fazenda Oratório acaba por passar por um processo de loteamento:

A Fazenda da Juta passou a ser administrada pelo genro de Nestor de Barros, Daniel do Amaral Júnior, que, nos anos 1940, vendeu muitos alqueires da propriedade. Em 1946, com a morte do patriarca, a fazenda foi dividida em sete partes iguais, de 1.110 alqueires cada, destinadas a cada um de seus sete filhos. Nesse mesmo ano, uma gleba de 50 alqueires de terras foi vendida à família Bei – Mateo e Salvador Bei –, dando origem à Fazenda São Mateus. Os irmãos Rossa – César, Renato e Armando – adquiriram outros 200 alqueires. (IBID, 2012, p. 20).

“As origens” de São Mateus, como podemos depreender do trecho, são atribuídas pelos pesquisadores à divisão e venda da Fazenda do Oratório. O próprio subtítulo do texto onde o relato está inserido reafirma essa ideia: *Da Fazenda do Oratório à Formação de São Mateus*. Narrativa que diverge do texto da subprefeitura, onde o que se destaca, em primeiro lugar, é que *na década de 40, tudo não passava de uma grande fazenda: a Fazenda Rio das Pedras*. Na ordem das “origens”, a Fazenda Oratório é importante, mas só aparece posteriormente. Porém, a narrativa da subprefeitura de São Mateus só faz menção à Fazenda do Oratório como gleba que os filhos de Mateo Bei adquiriram após lotear o terreno da Fazenda São Mateus:

Algum tempo depois os filhos e o genro adquiriram para mais de um milhão de metros quadrados, na antiga “Fazenda do Oratório” em homenagem ao respeito e às lições deixadas pelo ente querido, lotearam-na, fazendo da gleba uma verdadeira comunidade, que culminou em mais do que isso: um bairro-cidade”. (HISTÓRICO DA SUBPREFEITURA DE SÃO MATEUS)

Para além de uma questão tópica sobre qual seria a “origem” do urbano local, a divergência deixa claras duas opções na construção dos relatos que tem como parâmetro de valor a urbanização: a narrativa da subprefeitura destaca além do “pioneirismo” dos proprietários Mateo Bei e Salvador Bei, o protagonismo da atual centralidade da região, identificada ao eixo urbano entre as Avenidas Mateo Bei e Rio das Pedras, onde estaria a Fazenda São Mateus; enquanto que a pesquisa *Novos Bairros* procura dar maior importância à fazenda que “deu origem” não só ao bairro objeto de estudo - o Jardim São Francisco - como ao embrião da região de São Mateus. O mais provável é que ambas as divisões de terras e outras ainda não localizadas, tenham dado origem a diversos focos de povoamento que foram se unindo a partir da década de 1940, na conformação urbana do que viria a ser a região.

Vida Cotidiana dos Memorialistas/Moradores

Antes de se transformar nesse grande bairro, São Mateus era um lugarejo onde muitas famílias se refugiavam da agitada vida que levavam em São Paulo. Na década de 1950 a família Larisa foi uma das que escolheram o lugar para o descanso e descontração nos finais de semana. A agricultura era o passatempo preferido do senhor Larisa, que ensinou os filhos a amar a terra.

A família adquiriu um lote de 4 mil metros quadrados onde todos os fins de semana poderiam ser encontrados o Sr Larisa, a esposa e os filhos. (GAZETA DE SÃO MATEUS, 09.1995)

O trecho da matéria acima, retirado da edição de *A Gazeta de São Mateus*, comemorativa dos 47 anos do bairro e região, traz-nos uma visão quase idílica de sua vida rural: um subúrbio dormitório caracterizado não apenas como local de moradia do trabalhador, mas também como local de descanso daqueles que queriam fugir da já agitada São Paulo dos anos de 1950. Em trabalho sobre a história de Itaquera (hoje distrito vizinho a São Mateus, mas que o englobou até 1985) Amália Inês Geraiges de Lemos e Maria Cecília França afirmam, com base em memórias locais, que muitos moradores de Itaquera desde a década de 1920 eram trabalhadores especializados que compravam suas moradias na região em busca de ar puro e descanso (1985, p. 51)

Outro relato importante nesse sentido é o de Prudência Martins Apariz, uma das memórias sobre São Mateus construídas para o trabalho *Face Leste*, organizado pela Diocese de São Miguel Paulista reunindo narrativas históricas sobre os principais bairros e distritos da zona leste. Nele Prudência, imigrante vinda da zona rural do estado do Paraná, relata suas impressões sobre as características rurais de São Mateus:

O principal fato, portanto, para dona Prudenciana ter se ambientado em São Mateus era o aspecto de roça que o bairro ainda pouco urbanizado tinha em 1966. 'A gente comprava leite tirado diretamente da vaca, puro, não tinha feira, só tinha uma chácara que a gente comprava verdura.' (FACE LESTE, 2011, p. 134)

Segundo Apariz temos, portanto, que após duas décadas do loteamento da Fazenda São Mateus e desmembramento da Fazenda da Juta, o aspecto rural ainda era marcante na região, com o comércio de alimentos oriundos das chácaras exercendo um papel primordial no abastecimento dos moradores.

O advogado Odom de Souza Lima é outro memorialista que trata de aspectos do rural em São Mateus. Em entrevista de 1986, publicada no jornal *Cidade São Mateus*, Odom elenca importantes elementos da vida cotidiana de São Mateus que atribui aos anos de 1940 e 1950: “Existia uma casa construída em 48, hoje uma casa de tinta, ali no início da Mateo Bei. Parte do Jardim Tietê e onde está o Jardim 9 de Julho existiam hortas de

japoneses e olarias. Agora a primeira casa a ser construída no bairro foi a do meu pai.” (CIDADE DE SÃO MATEUS, 1986). A produção agrícola feita por japoneses, presente no relato de Odom pode ser relacionada ao “cinturão verde” de produção da colônia nipônica na zona leste já que o Jardim Nove de Julho e o Jardim Tietê encontravam-se às margens do rio Aricanduva e próximos à Fazenda Caaguaçu (hoje Parque do Carmo e Itaquera) onde essa produção possuía, inclusive, conexões com o restante da cidade. (GERAIGES & FRANÇA, 1985, p. 30-32). Azevedo, ao tratar da presença de olarias e de forte produção agrícola às margens do Tietê, faz uma descrição de dois dos principais afluentes do rio na região, relatando características semelhantes nas várzeas dos veios da bacia hidrográfica:

Os dois maiores (afluentes) possuem suas nascentes bem próximas uma da outra: o Aricanduva, que tem a direção SE-NO e alcança o Tietê nas vizinhanças da Penha; e o Guaió, que segue rumo diametralmente oposto do SO-NE, fazendo sua confluência não longe de Poá. [...] Alias o que tais cursos d'água representam para a vida humana é o único motivo que nos leva a lhes fazer aqui como além, uma referência particularizada. Em suas várzeas assentam-se as principais culturas; seus depósitos aluvionais fornecem barro para as olarias; em seus vales, concentra-se de preferência, o habitat humano. (AZEVEDO, 1945, p. 49-51)

Desse modo, temos que o testemunho de Odom sobre a agricultura e as olarias próximas às margens do Aricanduva e Rio das Pedras, indica uma possível relação da região com o circuito produtivo descrito por Azevedo para os subúrbios orientais e com o cinturão verde descrito por Gergaiges e França. Nesse sentido, mas tratando de outro ponto que hoje também está em São Mateus, temos o depoimento de Salvador Ângulo, morador do Jardim Ana Maria - localizado em Santo André e próximo a Mauá e São Mateus - ao Diário do Grande ABC em 2003, constante do livro *Novos Bairros, Jardim São Francisco*:

Em 1950 eu morava na Vila Lucinda e com minha carroça vinha até a Fazenda da Juta. Trilhava estradinhas de terra em busca de capim para meus animais. Também comprava frutas e legumes para revender. [...] A Fazenda da Juta era enorme. Parte pertencia ao herdeiro, sr. Rubem, e ia até o Morro Pelado, depois do atual Jardim Santo André, na zona leste. Ali ele tinha uma olaria e criava gado. (FRANÇA, 2012, p. 18).

Ângulo desloca-nos geograficamente dos atuais Jardim 9 de Julho e Jd Tietê para o atual Jardim Santo André, indicando aí a presença da produção agrícola e de olarias. Neste caso, a criação de gado e as olarias estariam presentes, nas proximidades do Parque São Rafael, Jardim São Francisco e Morro Pelado (nome popular do Morro do Cruzeiro).

Passando a tratar agora da estruturação de um novo espaço urbano a partir da intensificação dos loteamentos das fazendas locais partir dos anos de 1940, podemos perceber nas memórias aqui elencadas a presença de tensionamentos entre o modo de vida rural vigente e a necessidade/desejo por estruturas típicas de um modo de vida urbano. Retomando a narrativa sobre os Larisa, logo no início dos anos de 1960, a família muda-se em definitivo para o bairro voltando-se, agora, para o ramo da construção:

A família encontrou algo para ganhar a vida no bairro: montou um depósito de material para construção, de onde partiram tijolos e telhas para a construção de muitas das casas que ainda hoje existem. Trafegar pelo bairro era um dos principais problemas dos irmãos Larisa. “Quando chovia não dava para o caminhão passar. Era uma lameira só.” Para driblar as dificuldades eles jogavam carvão nas ruas. O produto era conseguido numa fundição que havia no início da Mateo Bei. Se por um motivo ou por outro não havia como transportar o material, eles apelavam para o senhor Otávio Antônio Nascimento que ajudava fazendo o transporte em sua carrocinha. (GAZETA DE SÃO MATEUS, 09.1995)

Além da “história de superação” das dificuldades de locomoção pelos “pioneiros”, A *Gazeta de São Mateus* demonstra que a própria constituição do espaço urbano e das moradias irá aos poucos fazer parte da economia local, junto à agricultura, compra e venda de terrenos e pequeno comércio, sendo provavelmente tributária das olarias já existentes na região. O processo de mudança de valores envolvidos nesse processo aparece de forma enfática nas reflexões de Prudência Apariz, quando rememora um ambiente de ambivalência entre o rural e o urbano na região:

Quando eu cheguei aqui só tinha a Mateo Bei asfaltada e tinha acabado de asfaltar. A luz era rabicho que puxava de uma casa para a outra. Pra mim era bom porque me lembrava do tempo que morava no sítio. Mas hoje em dia a gente vê que não é legal”, destaca. “A rua que a gente morava só tinha barro. Um dia uma vizinha foi casar e tiveram que levar ela no colo até a Mateo Bei

para tomar o carro e ir para a Igreja, porque não entrava carro quando chovia. Era lama só.” (FACE LESTE, 2011, p. 134).

Prudência que, no primeiro relato se sentia confortável por morar em um território rural semelhante ao que vivia em Londrina-PR, agora analisa a vida em São Mateus a partir do olhar da moradora de um bairro urbanizado, para quem as dificuldades que o espaço criava às novas demandas de locomoção dos moradores, tornavam a persistência do rural um entrave a algumas atividades cotidianas dos moradores já na década de 1960. A passagem obrigatória pela Avenida Mateo Bei, via asfaltada, e a ausência dessa estrutura nas ruas internas do bairro corroboram a observação do padrão de chegada das “melhorias urbanas” aos bairros periféricos de São Paulo, feita por Caldeira ao estudar a urbanização do Jardim das Camélias (região de São Miguel Paulista) no qual o asfalto chega primeiro às vias principais do bairro, enquanto as ruas internas e predominantemente residenciais, continuam sem o pavimento:

Na avenida encontram-se as melhores casas e a maior parte das mais antigas. Ela é a rua mais antiga dos Jardim das Camélias [...] Quando se sai da Avenida e se desce para qualquer um dos dois lados, a impressão que se tem é de que tudo ainda está por fazer ou construir. O asfalto faz limite com ruas de terra totalmente esburacadas pelas águas pluviais e pelo esgoto a céu aberto. (CALDEIRA, 1984, p. 65-66)

A dificuldade de locomoção que é contornada, no relato sobre os Larisa, pelo uso de carvão na estrada e da carrocinha para superar o barro, ou no ato de levar a noiva no colo até a primeira via de acesso, como nos relatou Apariz, assume contornos mais dramáticos nas lembranças de Odom:

Ficamos muito tempo sem asfalto e quando chovia enfrentávamos muitos problemas. Lembro-me que muitas vezes os mais velhos e nós, as crianças, íamos com a enxada nas costas até onde estão o Rio Aricanduva e o Rio das Pedras, para cavar e permitir que os veículos passassem. Inúmeras vezes era necessária a baldeação. Pegávamos um ônibus até o Rio das Pedras, descíamos e atravessávamos o rio, pegávamos outro até o Jardim Aricanduva. Daí tomávamos outra condução para ir até a Rua Vilela. Da Rua Vilela tomávamos um bonde até o centro da cidade. (CIDADE DE SÃO MATEUS, 1986).

Odom trata neste trecho de um caminho muito comum para se chegar ao centro da cidade, até hoje utilizado pelos moradores que, ao saírem de São Mateus pela Avenida Mateo Bei e Avenida Rio das Pedras acessam a Radial Leste, o Metrô Carrão e a Avenida Celso Garcia. A luta “contra” o Rio das Pedras (hoje canalizado no trecho entre as duas avenidas), o Rio Aricanduva (atualmente retilinizado em parte de suas margens) e o barro da Avenida Mateo Bei, deu ensejo às primeiras mobilizações urbanas que uniram parte da população da região e marcaram um processo de acirramento da oposição entre o desejo por espaço urbano e os espaços natural e agrícola locais. Podemos perceber isso em dois registros que remetem à luta pelo asfaltamento da Avenida Rio das Pedras, ainda na década de 1950. O primeiro trata-se da manifestação na Câmara dos Vereadores do parlamentar Tarcílio Bernardo, relacionando a falta de pavimentação às constantes dificuldades de transporte:

Indicamos ao executivo a necessidade de ser apedregulhada e nivelada a Estrada do Rio das Pedras em toda a sua extensão [...] Trata-se de uma estrada que liga as vilas Carrão, Nova Manchester, Aricanduva, etc à Cidade São Mateus que se encontra em franco desenvolvimento. Se não for tomada tal providência, os ônibus que servem à Cidade São Mateus não poderão trafegar em dia de chuva. (ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1953, p. 25)

O segundo relaciona-se às reivindicações da associação *A Voz da Colina*, construída a partir das atividades da carroça equipada com caixas de som, de propriedade de Nildo Gregório, contratado pela loteadora Beis & Irmãos para abrir a via que se tornaria a Avenida Mateo Bei. Gregório circulava pelas ruas do bairro denunciando a falta de serviços públicos e infraestrutura urbana. Segundo matéria de *O Diário Popular*, essa atividade de denúncia evoluiu para a organização de passeatas na prefeitura cobrando o asfaltamento das Avenidas Mateo Bei e Rio das Pedras, além de exigir uma linha de transporte público mais estável para a região. (DIÁRIO POPULAR, 20.08.1985). A figura 01, de 1952, parte de mapa produzido pela editora Melhoramentos com o fito de orientar a população da cidade sobre a localização das vias e serviços principais da cidade, traz detalhe do extremo leste da cidade e o desenho da Avenida Mateo Bei integrada à planta urbana regional como *Cidade de São Mateus* e continuidade da Avenida Rio das Pedras, registro mais antigo do gênero encontrado nesta pesquisa.

concentra-se e se diversifica a partir da década de 1950, no contexto da industrialização e crescimento urbano do período.²

Para Além das Fazendas São Mateus da Avenida Mateo Bei: Entre o Rural, o Subúrbio e a Periferia

A partir do exposto até aqui, percebemos que é possível abordar, em perspectiva histórica, aspectos rurais das áreas suburbanas da cidade ainda não estudados com profundidade pelas ciências sociais e pelo urbanismo paulistano, que desde os anos de 1970 vêm observando a formação das periferias, porém com foco maior no processo de urbanização e na agência dos movimentos sociais urbanos nesta realidade. Nabil Bonduki adota esse tipo de abordagem ao tratar dos loteamentos que se proliferavam na zona rural da cidade a partir da década de 1920, mas que não se tornavam bairros por conta da ausência de transporte coletivo. Seriam reservas de valor, à espera da urbanização, sendo os locais mais habitados apenas aqueles próximos às estações de trem (2013, pp. 284-85). Entretanto, levando em conta a narrativa da subprefeitura e as contribuições do estudo *Novos Bairros*, há o indicativo de uma vida social e de um mercado de terras antes dos anos de 1940 que, senão intensos, eram pelos menos ativos a ponto de inserir a região em um mapa produtivo integrando agricultura e indústria, com a produção de juta. Os relatos de Odom, Apariz e a memória dos Larisa, trabalhada em *A Gazeta de São Mateus* reforçam, junto aos apontamentos de Azevedo, as evidências da constituição de um mercado agrícola e de construção locais, que dão subsídio às transformações urbanas da região. As reivindicações, ainda incipientes, a partir da associação *A Voz da Colina* e nas falas de alguns vereadores na Câmara Municipal, tendem a se intensificar nas décadas seguintes à medida que São Mateus vai sendo reconhecido na cidade como um bairro da periferia de São Paulo. Mas de que periferia (ou periferias) estamos tratando neste caso? As periferias atuais de São Paulo e de outras cidades do país são vistas a partir do prisma de sua territorialidade e apropriações econômicas e sociais multifacetadas. Segundo a geógrafa Ana Fani Carlos, as periferias são hoje territórios divididos entre indústrias,

² Segundo série histórica do IBGE, a população total de São Mateus (contabilizando seus três subdistritos, salta de 29.586 habitantes em 1950 para 134.416 habitantes em 1970.

condomínios de alto padrão e população pobre (subempregada ou desempregada) muitas vezes forçada a ocupar áreas públicas ou de proteção ambiental, as únicas que lhes são financeiramente acessíveis. (2009, pp. 312-13). Esse tipo de leitura cabe para a São Mateus atual, onde as obras do monotrilho do Metrô de São Paulo vem fomentando à expansão da construção de condomínios em um território onde bairros populares ainda predominam. Para o processo histórico em questão, as conceituações mais tradicionais e sua contraposição às afirmações de José de Souza Martins nos trazem importantes subsídios de análise. Tomemos como exemplo a indicação do vereador Valério Giuli, solicitando a disponibilização de terreno para construção de grupo escolar em São Mateus e Vila Ré em 1950:

Indico ao Exmo. Sr. Prefeito a conveniência de entendimentos com a Comissão do Convênio do Ensino, no sentido de serem construídos galpões na Cidade São Mateus e na Vila Ré [...] É do conhecimento de meus ilustres colegas que, até o presente momento, a Comissão do Convênio Escolar já construiu cerca de 42 galpões destinados a dar escola a 5040 crianças. Estas escolas de madeira, no estilo desmontável, estão prestando reais serviços à população da periferia, especialmente nos locais onde ainda não há população infantil para um grupo escolar” (INDICAÇÃO 891-50 – VEREADOR VALÉRIO GIULLI – 265 SESSÃO ORDINÁRIA REALIZADA EM ABRIL DE 1950, ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1950, p.16).

Percebemos nesse trecho o uso da designação periferia para se referir a territórios ainda carentes de infraestrutura e serviços públicos e distantes do centro da cidade, conceituação muito usual estudos sobre as periferias de São Paulo. Exemplo disso e a abordagem de Paulo Fontes que, referindo-se ao período e local que estudou (1946-1966, em São Miguel Paulista), definiu periferias como os bairros afastados da região central e industrial da cidade, que experimentaram forte crescimento ao longo da década de 1950 sob impulso da iniciativa privada e ausência de regulação do Estado (FONTES, 2008, p.94). Já Lagenbuch, detalha a visão das periferias como extremo da cidade e local de condições de vida precária, afirmando que elas seriam

porções de qualquer aglomeração urbana, não necessariamente grande, localizadas via de regra em porção próxima aos limites externos da área

edificada, onde predomina a ocupação residencial pelas camadas mais pobres da população, estabelecida ali de modo bastante precário. Em tais espaços urbanos é comum haver uma elevada densidade demográfica acarretada pela extrema ocupação dos lotes por várias casas humildes, muitas vezes com paredes sem reboco, apenas lajes na cobertura, quando não por construções que podem ser qualificadas como casebres ou barracos, sendo às vezes difícil visualizar a transição para favela, fenômeno frequente ali (LANGENBUCH, 2001, p.89)

As memórias de uma São Mateus em ponto de inflexão histórica podem ser lidas em conjunto com as considerações de José de Souza Martins, quando compara a vida tranquila do subúrbio com o processo de periferização, que vê como a destruição do modo de vida anterior – supostamente organizado - trocado pela falta de planejamento urbano, habitacional e desordem social:

No subúrbio, mesmo na fase já alcançada pela industrialização e pelos loteamentos de terrenos para moradias operárias, os lotes eram grandes, as casas tinham espaço para o grande quintal, um remanescente do rural que permanecia no urbano, hortas, galinheiros, fornos de pão e broa, jardins, muitas flores e um certo perfume suave suburbano. A periferia já é produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, calçadas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos todo o reduzido espaço para a construção, falta de plantas, muita sujeira e fedor. [...] A periferia a designação dos espaços caracterizados pela urbanização patológica, pela negação do propriamente urbano e de um modo de habitar e viver urbanos (MARTINS, 2001, p. 78)

Em nosso artigo trilhamos caminho diverso ao dessa visão de destruição de uma vivência “quase ideal”, trocada por outra, desorganizada. Entretanto, a partir dos desafios e mudanças de padrão de vida postos à população local apontados nas fontes aqui trabalhadas podemos, por essa chave, considerar que São Mateus era uma espécie de subúrbio de São Paulo seja à maneira de Souza Martins, ou ao modo de Aroldo Azevedo e Langenbuch, como povoado com mescla de características urbanas e rurais integrado, ainda que de modo tênue, a uma cidade que passa por acentuado adensamento, levando a uma mudança radical das necessidades básicas e maneiras da população viver no aglomerado que, aos poucos vai se transformando em periferia urbana de São Paulo.

Traçamos nesse trabalho algumas linhas de raciocínio para o estudo dessa problemática que perpassa diversas áreas das humanidades, mas que ainda necessita de uma abordagem historiográfica mais aprofundada.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aroldo. Subúrbios Orientais de São Paulo. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1945.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Metrópole de São Paulo no Contexto da Urbanização Contemporânea*. In: Estudos Avançados 23 (66). São Paulo: Edusp, 2009. pp. 303-14.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos*. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. 1 Ed. São Paulo: EDUSP/Ed 34, 2000.

FRANÇA, Elisabete (Org). Jardim São Francisco (Projeto Global de Urbanização). São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012.

LANGENBUCH; Juergen; MARTINS, Jose de Souza; NABIL, Bonduki. Depoimentos. In: Espaço & Debates n° 42.

PROGRAMA PATRIMÔNIO E REFERÊNCIAS CULTURAIS NAS SUBPREFEITURAS: SÃO MATEUS. São Paulo: Secretaria de CCCultura do Município (DPH), 2013.

Entrevistas

ENTREVISTA COM TIA CIDA. 13.05.2017

Jornais e Sites

DADOS DEMOGRAFICOS DOS DISTRITOS E SUBPREFEITURAS. <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados-demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em 04.07.2019

Histórico: Conheça a História da Subprefeitura de São Mateus. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438. Acesso em: 23.06.2019.

Passo a Passo na Terra dos Beis. CIDADE DE SÃO MATEUS. 10.1986

São Matheus Guerreiro. DIÁRIO POPULAR. 20,08,1985;

Um Lugar Para Lazer e Descanso. GAZETA DE SÃO MATEUS. 09.1995.

Anais da Câmara Municipal

ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. INDICAÇÃO 891-50 – VEREADOR VALÉRIO GIULLI – 265 SESSÃO ORDINÁRIA REALIZADA EM ABRIL DE 1950, p.16

_____INDICAÇÃO Nº XXXXX –
VEREADOR TARCÍLIO BERNARDO. ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1953, p. 25.